



## III Simpósio Nacional de Tecnologia e Sociedade

### Desafios para a Transformação Social

PPGTE - Programa de Pós-Graduação em Tecnologia  
UTFPR - Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
10 a 13 de novembro de 2009  
Curitiba - Paraná - Brasil

## BLOGS: O REFLEXO DAS INCERTEZAS COLETIVAS

\* Marcos Namba Beccari

**Resumo:** Neste estudo, direcionado à aproximação do objeto, é estabelecido como objetivo analisar o comportamento de uma pessoa que mantém ou frequenta *blogs*, ou seja, diários virtuais que se proliferam na *internet* como ferramentas de uma narrativa híbrida, tendo como ponto de partida o contexto social e tecnológico no qual estes estão inseridos. O caráter deste contexto revela-se composto, por um lado, pela livre expressão e interpretação das informações e, por outro, pelas incertezas decorrentes das mesmas. Para tanto, identificou-se as principais características e peculiaridades que envolvem a *blogsfera* – um meio que representa, simultaneamente, a individualidade e a coletividade, dimensões presentes no imaginário da sociedade pós-moderna. Por fim, considerou-se a *blogsfera* como sendo um reflexo comportamental da cultura contemporânea e da individualização dentro da sociedade como um todo, cuja principal pretensão é o elogio à subjetividade.

**Palavras-chave:** Blogsfera, Cultura Digital, Comportamento.

### 01. Introdução

O mundo evidencia uma realidade onde as informações circulantes não são mais mediadas por empresas tradicionais de comunicação (jornais, emissoras de rádio e televisão, etc.). Nesta reflexão evidenciam-se os *blogs*, que mantêm uma relação complexa com a mídia e com a sociedade. Hoje o fluxo da informação é delineado pelas atuais fronteiras da comunicação social. Historicamente, ocorria a partir das organizações da área de comunicação para aqueles que anteriormente se convencionou denominar audiência, recepção ou público. A discussão que se propõe gira em torno do cenário onde ocorre a narração de todos para todos e a possibilidade de muitos gerarem informação. Conforme veremos a seguir, hoje os próprios meios têm se sobreposto às informações e às linguagens utilizadas para narração dos fatos.

---

\* Estudante do 4º ano em Bacharelado em Design Gráfico (UFPR) e do 4º ano em Tecnologia em Artes Gráficas (UTFPR). Endereço eletrônico: beccariarts@gmail.com



## III Simpósio Nacional de Tecnologia e Sociedade

### Desafios para a Transformação Social

PPGTE - Programa de Pós-Graduação em Tecnologia  
UTFPR - Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
10 a 13 de novembro de 2009  
Curitiba - Paraná - Brasil

O presente artigo apropria-se da *web* como objeto de estudo, partindo-se da premissa de que a *Internet* significa um contexto cultural e um artefato cultural ao mesmo tempo (HINE, 2005). No mesmo sentido, Schneider e Foot (2005) complementam que a *web* pode ser vista como um cenário de estruturas que suportam a ação *on-line*, comportando uma miríade de dimensões sociais, culturais e políticas. O conceito de esfera da *web* para Schneider e Foot (2005) traz considerações importantes quanto à sua delimitação enquanto objeto de estudo.

Assim como a *web*, os *blogs* podem ser entendidos tanto como artefato quanto como contexto cultural (KOZINETS, 1997, 2002; HINE, 2005). Enquanto artefatos, os *blogs* surgem como ferramentas de fácil atualização em *websites*, que se baseiam no sistema de micro-conteúdos e na atualização quase que diária dos mesmos, de um ou vários autores, permitindo, ainda, os comentários até mesmo de quem não é autor de *blog*. Em termos de contexto cultural, sendo os *blogs* espaços de comunicação mediada por computador (CMC), podem ser entendidos a partir dos *webrings* (RECUERO, 2003) e analisados sob o ponto de vista da socialização que deles decorre.

Considera-se aqui o *blog* como sendo um artefato midiático. A palavra mídia é a apropriação da pronúncia em inglês do latim *media*, que significa *meios*, sendo possível considerar os *meios* como sendo “uma extensão do homem”, de acordo com McLuhan. Em muitos autores, o termo mídia é utilizado para identificar “o recurso pelo qual uma informação é transmitida, ou seja, o canal ou meio através do qual se desenvolve uma comunicação” (GOSCIOLA, 2003, p.27). Os *blogs* são meios que disponibilizam diversos recursos, são relativamente fáceis de atualizar, de acessar e com custo zero, o que viabiliza a sua proliferação. Esse sistema, no *ciberespaço*, “possibilita a pluralização de vozes e o contato social se desassociando das mídias de controle, as *mass media*, e reeditando práticas antigas como os diários pessoais” (LEMOS, 2002, p.02). Não há dúvidas que os sentimentos de medo e de desconfiança diante das novas tecnologias, característicos da modernidade, convivem com a fascinação e a proliferação avassaladora do instrumento tecnológico aqui estudado. A *internet* transforma o processo de comunicação: a fórmula cartesiana emissor/mensagem/receptor é substituída pela confluência desses elementos numa ordem que, a priori, não é respeitada. O usuário é ao mesmo tempo o manipulador da mensagem e a própria mensagem, configurando



## III Simpósio Nacional de Tecnologia e Sociedade

### Desafios para a Transformação Social

PPGTE - Programa de Pós-Graduação em Tecnologia  
UTFPR - Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
10 a 13 de novembro de 2009  
Curitiba - Paraná - Brasil

assim a principal característica da *cibercultura* (relação social de sujeitos que se dá no plano virtual). Visto isso, o objetivo deste trabalho é evidenciar as incertezas interpretativas e comportamentais que envolvem a *blogsfera*, no que diz respeito, por um lado, às motivações que levam um indivíduo a criar um *blog* e, por outro lado, aos reflexos da individualidade e da incerteza coletiva presentes neste ato.

## 02. A Blogsfera e os Hipertextos

Uma vez que a sociedade é produtora de uma sociedade que a produz, segundo Edgar Morin (2002), a evolução das tecnologias seria, ao mesmo tempo, produto e elemento desencadeador de uma configuração societal que se apresenta na contemporaneidade. Friedmann (2005) diz que hoje o mundo é plano e divide a história em: *globalização 1.0* (de 1492 até 1800) que reduziu o tamanho do mundo de grande para médio e envolveu basicamente países e esforços individuais, iniciou quando Cristóvão Colombo embarcou, inaugurando o comércio entre o Velho e o Novo Mundo e durou até o Imperialismo; *globalização 2.0* (de 1800 a 2000) que diminuiu o mundo do tamanho médio para o pequeno, sendo que a força dinâmica que moveu a integração global foi a expansão de empresas multinacionais em busca de mercados e mão-de-obra; *globalização 3.0* (a partir de 2000) que está encolhendo o tamanho do mundo de pequeno para minúsculo e aplainando o terreno, construído com foco no indivíduo.

Sob esta ótica, ressalta-se que as descrições que Roger Chartier (1996) faz dos três grandes cenários da escrita e da leitura que antecederam a era da escrita digital – aqueles marcados pelo rolo, pelo códice manuscrito e pelo livro impresso – serviram de contraponto para a avaliação de um novo tipo de escrita chamado “Hipertexto”. Parte-se da tipologia de hipertextos (desenvolvida por PRIMO, 1998) que toma como base a interação entre os *interagentes*. No *hipertexto potencial*, os caminhos e movimentos possíveis do *internauta* encontram previstos. Assim, apenas o *internauta* se modifica, permanecendo o hipertexto com sua redação original. No *hipertexto cooperativo*, todos os envolvidos com partilham a invenção do texto comum, à medida que exercem e recebem impacto do grupo, do relacionamento que constroem e do próprio produto criativo em andamento. Já o *hipertexto colagem*, constitui uma atividade de escrita coletiva, mas demanda mais um trabalho de administração e reunião das partes criadas em separado do que um processo de debate e



## III Simpósio Nacional de Tecnologia e Sociedade

### Desafios para a Transformação Social

PPGTE - Programa de Pós-Graduação em Tecnologia  
UTFPR - Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
10 a 13 de novembro de 2009  
Curitiba - Paraná - Brasil

invenção cooperada. Seguindo esta linha de raciocínio, os *blogs* com comentários são considerados exemplos daquilo que anteriormente já se havia conceituado como um *hipertexto cooperativo* (PRIMO, 1998), ou seja, um mesmo texto multissequencial escrito por diversos colaboradores. A cada intervenção, o texto como um todo se altera. Após cada movimento, a produção se mostra diferente aos seus autores.

Para a antropologia, os *blogs* enquanto espaços de expressão individual podem ser considerados como uma materialização de um *não-lugar*. Augé (2006) descreve o *lugar* como sendo um espaço fortemente simbolizado, no qual pode ser lida em parte ou em sua totalidade a identidade dos que o ocupam. Os *não-lugares*, por outro lado, seriam os espaços onde esta leitura não é possível e que são, a cada dia, mais numerosos. Esse pensamento introduz o entendimento de que, para Augé (2006), as formas de expressão ampliam-se no horizonte do século XXI, visto que, na realidade concreta, os elementos que justificam ou dirigem a elaboração de modelos interpretativos não se excluem, sobreadicionam-se. Essa idéia é colocada em voga por Márgda Rodrigues da Cunha (2008) que acredita que, dentro da perspectiva do jornalismo e da comunicação social, os *blogs* representam uma forma que complementa a produção de informações. O papel do jornalismo mantém-se, baseado na técnica do fazer jornalístico, papel assumido por um profissional ou outro narrador independente. Porém, uma vez que este narrador independente ocupava outrora o lugar do leitor, é possível desconfiar, desde já, de uma exacerbada individualização por intermédio da qual se produz muita informação na *internet*.

Fato é que, se a *blogsfera* pode parecer vulnerável a equívocos e mesmo a plágio de informações, e a vontade de capturar o conhecimento em um único compêndio possa ser discutível em seu idealismo, a motivação ao livre debate de idéias e a criação automática de espaços para tanto parecem dar fôlego a tal ambiente, servindo também como atrativo à chegada de mais participantes. Retoma-se CHARTIER (1999), que afirma que o papel do leitor de rolos e códices era periférico e marginal, não tendo o poder de alterar ou ameaçar o conteúdo do texto original. Por outro lado, com o surgimento do hipertexto, o autor admite que a possibilidade de diálogo entre leitores e escritores não apenas já existe como também tem se tornado um hábito. Sendo assim, será que a revolução digital realmente fez surgir um novo tipo de relacionamento entre escritores e leitores? Estarão os leitores, em seus



## III Simpósio Nacional de Tecnologia e Sociedade

### Desafios para a Transformação Social

PPGTE - Programa de Pós-Graduação em Tecnologia  
UTFPR - Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
10 a 13 de novembro de 2009  
Curitiba - Paraná - Brasil

comentários, críticas e sugestões, de fato participando da produção dos textos que circulam *on-line*?

No artigo “Escritores de Blogs: Interagindo com os Leitores ou Apenas Ouvindo Ecos?” de Flavia Di Luccio e Ana Maria Nicolaci-da-Costa, publicado em 2007 no periódico “Psicologia, Ciência e Profissão” da PUC/RJ, é relatado uma entrevista com autores de *blogs* atualizados regularmente. De uma ou outra forma, todos os entrevistados revelaram que os principais motivos que os levaram a criar seus *blogs* foram o desejo de publicar textos livre e despreziosamente, e principalmente o de saber as opiniões dos leitores sobre os textos publicados. São vários os entrevistados que dão a entender que a liberdade de expressão é a grande responsável pela sensação de prazer que experimentam: escrever sem restrições ou regras pré-estabelecidas é visto, portanto, como sendo um grande atrativo que os *blogs* oferecem. Segue-se agora para uma análise dos aspectos comportamentais existentes na *blogsfera* e na contemporaneidade para, na seqüência, retomar o artigo realizado por Flavia Di Luccio e Ana Maria Nicolaci-da-Costa.

### 03. A subjetividade afetiva descrita por Michel Maffesoli

Maffesoli (1995) possui uma opinião rígida sobre a impossibilidade de se explicar o mundo de hoje com os olhos voltados ao passado, tempo esse deveras comprometido com as filosofias econômicas. Para o autor, as transformações, ocorridas principalmente a partir da Segunda Guerra Mundial, trazem à tona as incertezas de um mundo sedimentado apenas em estruturas racionais. Com a falência dos discursos modernos, que prometiam um mundo redentor, aliada à velocidade das inovações técnicas, o homem contemporâneo procura relacionar a sua vida a preceitos presenteístas (culto ao hedonismo, valorização do doméstico, barroquização da existência, vínculo comunitário, imersão no universo das redes tecnológicas de comunicação, prevalência da estética, resgate dos valores dionisíacos, lúdicos, oníricos, etc.) porque parecem ser mais condizentes com o estilo de vida atual, o qual agrega o racional, o lógico, o não-lógico e o ilógico.

O individualismo perde espaço no momento em que se reconhece que o homem não é o senhor do universo. O reordenamento social aponta para o reconhecimento do outro a partir



## III Simpósio Nacional de Tecnologia e Sociedade

### Desafios para a Transformação Social

PPGTE - Programa de Pós-Graduação em Tecnologia  
UTFPR - Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
10 a 13 de novembro de 2009  
Curitiba - Paraná - Brasil

de uma identificação de afetos e interesses compartilhados. Os indivíduos se aproximam com a intenção de se solidarizar com a causa do outro. O laço social passa a ser emocional. “Não é mais a autonomia – eu sou minha lei – que prevalece, mas a heteronomia: minha lei é o outro” (MAFFESOLI, 2001, p.24). Enfim, “a decepção político-econômica leva à revalorização das coisas domésticas, da proximidade” (MAFFESOLI, 2001, p.25). Ao analisar a contemporaneidade, Maffesoli (2001), que não acredita em conceitos fechados, define a pós-modernidade como uma época de heterogeneização: mistura orgânica de elementos arcaicos e de outros um pouco mais contemporâneos, que inaugura uma forma de solidariedade social elaborada a partir de um processo complexo feito de atrações, de repulsões, de emoções e de paixões, que tanto pode levar à concretização de ações humanitárias quanto à volta de ideais fundamentalistas.

É possível reconhecer a relevância desta idéia na obra de McLuhan, ao propor ineditamente a expressão de aldeia global. No discurso de Pierre Lévy, há uma abordagem semelhante sobre esta essência propulsora do fenômeno da globalização: “a humanidade reconecta-se consigo mesma” (LÉVY, 1999, p. 195). Lévy também acredita na possibilidade de recuperação da unidade do sentido. Segundo ele, o recurso da *internet* reflete novamente uma característica da comunicação oral, já que o resultado da comunicação virtual verifica-se no momento em que o receptor e o emissor estabelecem contato. Diferentemente da comunicação escrita, que não oportuniza um contato imediato, este seria o momento do regresso à era da oralidade. No entanto, trata-se de uma oralidade mais abrangente e especializada.

Aceitar a condição de pós-modernidade implica considerar diversos aspectos que a caracterizam. Faz-se necessário estudar os fatos que conduzem tal mudança, os quais podem ser analisados através dos fenômenos culturais refletidos a partir de uma dimensão não-racional presente na sociedade, chamada de imaginário. Este ponto de vista é aqui abordado pois, segundo Maffesoli (1998), o imaginário seria o espírito coletivo da sociedade. O autor reconhece a forma lúdica e o resgate dos valores dionisíacos na contemporaneidade quando diz que a própria sociedade torna-se um jogo de simulação a partir da intensidade dos jogos eletrônicos, da flutuação das bolsas econômicas e das encenações políticas. O hedonismo mundano é o prazer de estar junto, cujo destaque se dá através do jogo das imagens e da sua disseminação virótica. A lógica da teatralização pós-moderna, na qual as *personas* utilizam



## III Simpósio Nacional de Tecnologia e Sociedade

### Desafios para a Transformação Social

PPGTE - Programa de Pós-Graduação em Tecnologia  
UTFPR - Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
10 a 13 de novembro de 2009  
Curitiba - Paraná - Brasil

múltiplas máscaras, está na ordem do dia, dentro de um tempo que se identifica através da ética e não da moral. Segundo o autor, a moral é universal e aplicável em todos os lugares e em todos os tempos. Já a ética é particular, às vezes momentânea, que fundamenta uma comunidade e elabora-se sobre um território dado, seja ele real ou simbólico (MAFFESOLI, 1996).

Nota-se a emergência de um novo *estar-junto* baseado na ética da estética, uma espécie de simpatia em relação ao outro. A emoção é vivenciada coletivamente, dentro de um ambiente afetivo, cujos “prazeres e penas são experimentados em comum” (MAFFESOLI, 1995, p.76), seja através de manifestações presenciais (shows, greves, passeatas, reuniões), ou a partir da disseminação do uso das tecnologias do imaginário (televisão, rádio, cinema, *internet*, publicidade, etc.), as quais transmitem imagens e eventos que passam a ser compartilhados coletivamente. Como o próprio nome indica, são as mensagens – imagéticas, sonoras e textuais –, divulgadas através das tecnologias de comunicação, elementos fundamentais na construção do imaginário. Pode-se dizer que esse *conceito* do imaginário está imbricado no gênio coletivo e, portanto, reflete o espírito de uma sociedade, que por sua vez define-se como a relação entre intimações objetivas e subjetivas (MAFFESOLI, 2001).

Segundo Maffesoli, há uma valorização da técnica na atualidade, uma vez que o imaginário é alimentado por tecnologias. Sendo assim, neste momento histórico de intenso desenvolvimento tecnológico, ainda mais nas tecnologias de comunicação, a repercussão do imaginário, enquanto comunhão, é sempre comunicação (MAFFESOLI, 2001). Segundo o autor, a *internet* faz-se mais importante devido ao seu aspecto simbólico, através de um espaço de circulação de signos e atividades interpessoais, do que em relação à sua concepção racional e utilitarista. Assim ocorre também com a televisão e a publicidade, ambas agentes de emoção e estruturadas pela tecnologia. Visto que a tecnologia foi durante a modernidade um instrumento de racionalização e de separação, parece que na contemporaneidade o aparato tecnológico está a se transformar numa ferramenta convival e comunitária. A socialidade contemporânea se estabelece, então, como um politeísmo de valores onde o indivíduo desempenha papéis, produzindo máscaras dele mesmo, agindo numa verdadeira teatralidade cotidiana.



## III Simpósio Nacional de Tecnologia e Sociedade

### Desafios para a Transformação Social

PPGTE - Programa de Pós-Graduação em Tecnologia  
UTFPR - Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
10 a 13 de novembro de 2009  
Curitiba - Paraná - Brasil

“Ao invés de inibir as situações lúdicas, comunitárias e imaginárias da vida social, as novas tecnologias vão agir como vetores potencializadores dessas situações da socialidade” (LEMOS, 2002, p.90). Se na modernidade o indivíduo tinha uma função, a pessoa (*persona*) pós-moderna tem um papel, mesmo que efêmero, hedonista ou cínico, e isso não significa que esse fato seja novo, mas afirma que a preponderância da *persona* sobre o indivíduo atinge seu paroxismo nesse momento. Assim, “assiste-se ao nascimento de uma verdadeira subjetividade de massas, que repousa sobre o contágio afetivo, sobre a partilha dos sentimentos e sobre a participação nas emoções comuns. Há fanatismo no ar” (MAFFESOLI, 1990, p. 51), que pode ser encontrado em diversos momentos da sociedade contemporânea, na qual as formas cristalizadas definem o modo de ser da contemporaneidade. Neste caso, podemos concluir após esta reflexão que os *blogs* podem ser os expoentes de um novo *estar-junto* que acontece no *ciberespaço*.

#### 04. As Incertezas Coletivas descritas por Marc Augé

Em tempos de euforia e celebração ao mundo virtual, faz-se pertinente considerar também os aspectos extramaquinísticos dos processos de comunicação contemporâneos - uma vez que o determinismo tecnológico não deve guiar o espírito do pesquisador que se permite descrever as formas atuais das relações sociais, preocupado com aquilo que é, e não com aquilo que deve ser uma sociedade (visão fenomenológica do social), conforme polemiza Michel Maffesoli (2001).

Entende-se que as formas de expressão e de apropriação da informação encontram-se na *blogsfera* em diálogo, dentro de um mesmo contexto, emergindo simultaneamente. Augé (2006, p. 107) afirma que “o mercado ideológico se equipara a um *self-service*, no qual cada indivíduo pode prover-se com peças soltas para ensamblar sua própria cosmologia e ter a sensação de pensar por si próprio”. Passividade, solidão e individualização se encontram em várias dimensões, inclusive religiosas, segundo Augé (2006). Sendo assim, o *blog* representaria, na sua forma e conteúdo, os contornos de uma nascente sociedade pós-moderna, que privilegia a ética da estética, ou seja, de ser apenas em relação ao outro, de reconhecer-se no outro a partir do compartilhamento de sentimentos, idéias e atitudes. Solidão e individualização são duas variáveis que podem estar na base de certa independência da antiga



## III Simpósio Nacional de Tecnologia e Sociedade

### Desafios para a Transformação Social

PPGTE - Programa de Pós-Graduação em Tecnologia  
UTFPR - Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
10 a 13 de novembro de 2009  
Curitiba - Paraná - Brasil

“audiência” na busca de expressão e registro de experiências, representando diretamente o reflexo de uma série de mudanças ocorridas no imaginário do atual contexto.

Augé (2006, p. 100) constata a existência de dois paradoxos quando são abordados temas como globalização, uniformização e até homogeneização. “...no conjunto, cada um pode constatar felizmente que o mundo não está definitivamente sob o signo da uniformidade e, ao mesmo tempo, inquietar-se diante das desordens e das violências geradas pela loucura identitária”. O conceito de *sobremodernidade* proposto por Augé permite pensar a coexistência das correntes de uniformização e dos particularismos. O autor explica seu raciocínio através de uma “lógica do excesso”: o excesso de informação, o excesso de imagens e o excesso de individualismo. O primeiro dá a idéia de que a história se acelera. A superabundância de imagens, por sua vez, é proporcional à capacidade de esquecimento, uma vez que um acontecimento, que chama atenção durante alguns dias, desaparece repentinamente das telas – logo, das memórias. Quanto ao excesso de individualismo, Augé define a *sobremodernidade* como processo de individualização passiva, diferente do individualismo conquistador do ideal moderno. Segundo o autor, a relação com os meios de comunicação pode gerar uma forma de passividade, na medida em que expõe quotidianamente os indivíduos ao espetáculo de uma atualidade efêmera, uma forma de solidão na medida em que os convida à *navegação solitária* e na qual toda telecomunicação abstrai a relação com o outro, substituindo com o som ou a imagem o *corpo a corpo*. Augé considera isso como sendo uma forma de ilusão, pois deixa a critério de cada um a elaboração de pontos de vista, opiniões em geral bastante induzidas, mas percebidas como pessoais.

Pode-se considerar, desse modo, os *blogs* como sendo manifestações desta elaboração de pontos de vista. Nota-se atualmente um grande grupo de indivíduos interessados em manifestar suas opiniões, suas percepções, independentemente da veracidade e/ou credibilidade do caráter individual/próprio/particular dos relatos virtuais. É também possível observar empiricamente que as narrativas presentes nos variados tipos de *blogs* resgatam, muitas vezes, valores afetivos. Os preceitos de presenteísmo, tribalismo, *estar-junto*, ideal comunitário e hedonismo retratados por Maffesoli (1998) poderiam descrever a relação atual da comunicação com os atores sociais e, por outro lado, a passividade da massa, a ausência de valores da sociedade, enunciados por Jean Baudrillard (1985) também seriam componentes da identidade ou das identificações do homem contemporâneo.



## III Simpósio Nacional de Tecnologia e Sociedade

### Desafios para a Transformação Social

PPGTE - Programa de Pós-Graduação em Tecnologia  
UTFPR - Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
10 a 13 de novembro de 2009  
Curitiba - Paraná - Brasil

LIPOVETSKY (2004) descreve como hipermodernidade o conceito baseado numa sociedade hiperindividualista, em que se investe emocionalmente naquilo que parece ser mais próximo, dentro dos vínculos fundados sobre a semelhança e a origem em comum. Na atual sociedade observa-se o nascimento de toda uma cultura hedonista e psicologista que incita à satisfação imediata das necessidades emocionais, enaltecendo o *florescimento pessoal*. Na comunicação, estas características apontam para uma tendência à produção individualizada ou personalizada de informação, dentro da lógica de que todos produzem para todos.

Neste ponto, já é possível desconfiar de um suposto indício de uma “incerteza coletiva”. Ora, as tecnologias digitais oferecem a possibilidade de personalizar, buscando até o extremo da individualização, visto que o público tem procurado e produzido novas informações. Este fato indica a não necessidade da uniformidade, conseqüentemente também a não necessidade de uma “razão” coletiva. À priori, como descreve Augé (2006), a humanidade está vivendo em um território onde se busca reconhecer um conjunto de pontos de referências espaciais, sociais e históricos. Entretanto, frente à “lógica dos excessos”, as referências compartilhadas são cada vez menos comuns aos indivíduos e são, desta forma, insuficientes para corresponder à satisfação imediata das necessidades emocionais observada no comportamento contemporâneo. Assim sendo, pode-se dizer que as “referências” em todos os seus domínios contribuiriam para o esvaziamento do sujeito ou, ao contrário, promoveria o enaltecimento do mesmo?

#### 05. Blogs: os reflexos do indivíduo ao coletivo

Ao descrever o processo de surgimento e as identidades dos usuários de *blogs*, relacionou-se esse novo meio como sendo uma ferramenta tecnológica do imaginário na contemporaneidade. Voltando à entrevista realizada por Flavia Di Luccio e Ana Maria Nicolaci-da-Costa em 2007, retoma-se que, em um primeiro momento, os entrevistados afirmam que sua decisão de criar e manter seus *blogs* estava ligada, sobretudo, à possibilidade de interação com os leitores. Entretanto, após uma análise mais detalhada do contexto dos entrevistados, o artigo revela um quadro diferente: os entrevistados raramente interagem com seus leitores.



## III Simpósio Nacional de Tecnologia e Sociedade

### Desafios para a Transformação Social

PPGTE - Programa de Pós-Graduação em Tecnologia  
UTFPR - Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
10 a 13 de novembro de 2009  
Curitiba - Paraná - Brasil

Os entrevistados afirmaram que mantêm seus *blogs* porque querem ser lidos e comentados, ou seja, há uma importância implícita na seção de comentários, mais especificamente com relação às diferentes reações a críticas e elogios. Porém, observa-se uma tendência comum à maioria dos depoimentos coletados: os comentários são somente bem-vindos se forem elogiosos. No decorrer da pesquisa, notifica-se que os entrevistados, direta ou indiretamente, revelam não interagir com seus leitores na medida em que não dão respostas aos comentários que recebem. Assim sendo, as pesquisadoras consideraram que seus entrevistados estavam engajados somente em ouvir *ecos* de suas próprias palavras.

Ainda com relação aos comentários, pode-se dizer que atuam como um incentivo para que os autores dos *blogs* continuem a escrever na medida em que são uma confirmação de que seus textos são lidos. Os elogios claramente exercem não só a função de confirmar sua aceitação e popularidade como também a de, aparentemente, aumentar sua notoriedade, incentivando-os a continuarem a escrever. Já as críticas, por mais que possam incomodar, mostraram-se na entrevista como sendo a configuração mínima da certeza de que os textos foram lidos. Observa-se nisso que não são as críticas que podem desestimular os *blogueiros*, mas sim a ausência de comentários.

Enquanto há diversas ferramentas virtuais onde o principal objetivo dos frequentadores é dialogar (como os fóruns de discussão, as salas de bate-papo e os espaços para trocas de mensagens instantâneas), nos *blogs*, esse objetivo é secundário. Como visto anteriormente, os *blogs* permitem que qualquer usuário da *internet* se torne um autor e publique seus experimentos literários sem qualquer tipo de interferência ou censura. É possível que esses novos autores desdenhem as críticas de seus leitores justamente porque as vêem como uma expressão da censura da qual pensavam estar livres. De forma análoga, ocorre a possibilidade de que esses escritores também evitem interagir com seus leitores por perceberem tal interação como uma interferência desnecessária em seu trabalho.

Outra possibilidade a ser cogitada é a de que a autoria de textos, cuja divulgação não passa por qualquer tipo de intermediário, alimente, nos escritores de *blogs*, uma noção bastante presente tanto na mídia convencional como na *internet*. É possível estabelecer um paralelo aos *reality shows*, onde aquilo que qualquer um faz e é pode ser do interesse de muitos outros. Daí advém o sucesso do *YouTube* (*website* que permite que seus usuários carreguem, assistam



## III Simpósio Nacional de Tecnologia e Sociedade

### Desafios para a Transformação Social

PPGTE - Programa de Pós-Graduação em Tecnologia  
UTFPR - Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
10 a 13 de novembro de 2009  
Curitiba - Paraná - Brasil

e compartilhem qualquer tipo de vídeo em formato digital). Caso essa tendência se alastre, podemos estar diante de um processo de recrudescimento do individualismo ou, como é aqui considerado, o reflexo das incertezas coletivas. Ainda outra possível razão – que não exclui nenhuma das anteriores – para a ausência de interação observada nesta pesquisa é a de que, como mostra a literatura (ver NICOLACI-DA-COSTA, 1987), quando as mudanças externas são muito rápidas, somos incapazes de absorvê-las de imediato. Tal constatação nos leva a pensar que a falta de diálogo entre os entrevistados e seus leitores pode residir no fato de que ainda não nos encontramos – eles e nós – muito distantes da cultura impressa, esta que, como sabemos, carrega consigo o estigma de produzir textos que são intocáveis uma vez prontos, e que vêm sistematicamente migrando para a tela.

## 06. Considerações Finais

O tema de uma *subjetividade social* e do imaginário aparece muito nitidamente na problematização deste estudo que, como se pode notar, se restringe à própria problematização. Importante esclarecer que este estudo leva em consideração que o verdadeiro exercício crítico do pensamento se opõe à idéia de uma busca metódica da “solução”: a tarefa do pesquisador não é, portanto, a de resolver – inclua-se: substituir uma solução por outra – mas a de “problematizar”, não a de reformar, mas a de instaurar uma distância crítica, de “desprender-se”, de retomar os problemas. Por outro lado, esse esforço de problematização não é, de maneira alguma, um anti-reformismo ou um pessimismo relativista. À parte disso, naturalmente se espera uma crítica inflamada - característica da própria *blogsfera* – mas vale notificar que a pesquisa não é definitiva nem sequer encerrada por tais conjecturas. Não há como se chegar a uma resposta conclusiva para as contradições que este trabalho trouxe à tona. Vale também lembrar o sonho do filósofo moderno Immanuel Kant – citado por CHATIER (1998) referindo-se à difusão imediata da produção textual na rede eletrônica – de que cada um fosse ao mesmo tempo leitor e autor, que emitisse juízos sobre as instituições de seu tempo, quaisquer que elas fossem, e que pudesse, ao mesmo tempo, refletir sobre o juízo emitido pelos outros.

Retoma-se, assim, o rumo metodológico assumido neste artigo: primeiramente explicou-se a *blogsfera* a partir da tipologia dos hipertextos, depois apropriou-se do pensamento de Michel



## III Simpósio Nacional de Tecnologia e Sociedade

### Desafios para a Transformação Social

PPGTE - Programa de Pós-Graduação em Tecnologia  
UTFPR - Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
10 a 13 de novembro de 2009  
Curitiba - Paraná - Brasil

Maffesoli e de Marc Augé para analisar o comportamento que há embutido nesta cultura contemporânea e, por fim, observou-se uma recente entrevista com *blogueiros* afim de se aproximar mais do objeto vigente. A primeira consideração a ser feita é que, em meio aos tantos tipos de *websites* existentes na *internet*, os *blogs* representam os meios mais próximos ao indivíduo do que à própria sociedade, estabelecendo assim uma relação mais íntima entre o usuário e a rede virtual. Isso se deve ao fato de que os *blogs* trazem consigo os mesmos propósitos pessoais de outrora que hoje foram recuperados, conforme infere Michel Maffesoli. Mas a principal consideração a ser feita é que, sendo um fenômeno característico do século XXI, os *blogs* certamente refletem o comportamento individualista da cultura pós-moderna, envolvendo muitas das incertezas presentes neste contexto histórico.

Esta peculiaridade foi identificada à partir do pensamento de Marc Augé e verificada na entrevista realizada por Flavia Di Luccio e Ana Maria Nicolaci-da-Costa. Se por um lado essa auto-referencialidade impede o reconhecimento objetivo de um sujeito, por outro, confere ao homem a singular capacidade de dar sentido a si mesmo e ao que faz. Importante mencionar as idéias do filósofo Ludwig Wittgenstein ao afirmar que aquilo que o ser humano mais anseia entender não admite enfoque objetivista/científico (WITTGENSTEIN, 2002). Segundo o autor, os dramas pessoais não se resolvem com soluções, resultados e certezas. Ao reconhecer-se como autor, personagem ou marionete de qualquer situação, o agente se credencia a compreendê-la e a julgá-la. Nesse sentido, evidenciou-se no presente estudo o questionamento sobre o que é ser um escritor e o que é ser um leitor, bem como suas atribuições de autoridade ao primeiro e de (relativa) receptividade ao segundo. Foram evidenciadas também as expectativas de que leitores geralmente se manifestam para elogiar e são mal recebidos pelos escritores quando criticam. Segundo Augé (2006), a busca da felicidade é individualizada. Pode-se, portanto, predizer que a criação e manutenção de um *blog* estão muito mais relacionadas à necessidade de cada autor em registrar suas percepções quotidianas, do que a qualquer outra pretensão externa, mesmo que esta seja a suposta interação que a *blogsfera* propõe.

Além disso, pode-se especular dedutivamente a existência maior de *blogueiros* do que de leitores de *blogs*, sendo que tais leitores são em maioria os próprios *blogueiros*, o que acaba gerando um círculo de relações-virtuais quase restrito, dado geralmente por afinidades. Deduz-se também que, no comportamento de um leitor de *blog*, a busca ou construção de



## III Simpósio Nacional de Tecnologia e Sociedade

### Desafios para a Transformação Social

PPGTE - Programa de Pós-Graduação em Tecnologia  
UTFPR - Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
10 a 13 de novembro de 2009  
Curitiba - Paraná - Brasil

diferentes interpretações sobre um determinado tema é mais importante do que encontrar a sua própria interpretação. Se a vida cotidiana se preocupa com verdades e certezas, ficam os problemas pessoais entregues às opiniões, sendo este o respaldo oferecido pelos *blogs*.

Por fim, a conclusão tirada após a pesquisa realizada se configura em uma hipótese de que a vida cotidiana, bem como seus desafios mundanos, tem caminhado na mesma direção que aponta à liberdade de interpretação existente na *blogsfera*. Alguns questionamentos remanescentes deste trabalho também devem ser considerados: se é verdade que os modos de subjetivação produzem, ao objetivá-los na construção de um *sujeito*, como esses sujeitos se relacionam consigo mesmos? Quais procedimentos o indivíduo mobiliza a fim de se apropriar ou de se reapropriar de sua própria relação consigo?

É a partir desse último ponto que Maffesoli se entrega, por exemplo, à análise detalhada do imaginário a partir das *aparências* geradas pelos indivíduos e, mais geralmente, do culto à estética e ao hedonismo e o resgate dos valores arcaicos: em todos os casos, trata-se de compreender as modalidades de uma relação consigo, que envolve a realização de uma prática contínua de procedimentos de escrita de si e para si, isto é, um procedimento de subjetivação. O termo *subjetivação* designa, para Maffesoli, um processo pelo qual se obtém a constituição de um sujeito ou, mais exatamente, de uma subjetividade. É importante levar em consideração que os *modos de subjetivação* ou *processos de subjetivação* do ser humano correspondem, para Maffesoli, a dois tipos de análise: “(...) trata-se de constituir a si mesmo como objeto de ação racional pela apropriação, unificação e subjetivação de um já dito fragmentário e escolhido; ou de desalojar do interior da alma os movimentos mais escondidos de forma a poder deles se libertar” (MAFFESOLI, 1995, p. 105)

#### 07. Referências:

- AUGÉ, Marc. Sobremodernidade: do mundo tecnológico de hoje ao desafio essencial do amanhã. In: Moraes, Denis. Sociedade Mídiatizada. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.
- BAUDRILLARD, Jean. À sombra das maiorias silenciosas. O fim do social e o surgimento das massas. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CHARTIER, R.; Paire, A. Práticas da leitura. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- \_\_\_\_\_. A aventura do livro: do leitor ao navegador. São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- CUNHA, M. R. . Blogs: reinvenções em um cenário tecnológico. Interin (Curitiba), v. 5, p. 1, 2008.
- Di LUCCIO, Flavia e NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Escritores de Blogs: Interagindo com os Leitores ou Apenas Ouvindo Ecos?. Periódico "Psicologia, Ciência e Profissão". Rio de Janeiro: PUC/RJ, 2007.
- GOSCIOLA, Vicente. Roteiro para novas Mídias. Do game à tv interativa. São Paulo: Senac, 2003.



## III Simpósio Nacional de Tecnologia e Sociedade

### Desafios para a Transformação Social

PPGTE - Programa de Pós-Graduação em Tecnologia  
UTFPR - Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
10 a 13 de novembro de 2009  
Curitiba - Paraná - Brasil

- HINE, C.. Virtual Methods and the Sociology of Cyber-Social-Scientific Knowledge. In: HINE, Christine (Org.). Virtual Methods. Issues in Social Research on the Internet. Oxford: Berg, 2005.
- JUNG ROCHA, Paula. Blogs: sentimentos em rede compartilhados na pós-modernidade. Artigo (Revista FAMECOS n° 22). Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2003.
- KOZINETS, R. On Netnography: Inicial Reflections on Consumer Research Investigations of Cyberculture. (1997). Disponível em <http://research.bus.wisc.edu/rkozinet/printouts/kozinetOnNetnography.pdf>. Acesso em 8 set. 2009.
- \_\_\_\_\_. The Field Behind the Screen: Using Netnography For Marketing Research in Online Communities. (2002). Disponível em <http://research.bus.wisc.edu/rkozinet/printouts/kozinetFieldBehind.pdf>. Acesso em 8 set. 2009.
- LEMOS, A. A arte da vida. Diários pessoais e webcams na Internet. Revista de Comunicação e Linguagem, Lisboa, 2002.
- \_\_\_\_\_. Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- LIPOVETSKY, Gilles. Os tempos hipermodernos. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.
- MAFFESOLI, Michel. A conquista do presente. Natal: Argos, 2001.
- \_\_\_\_\_. A contemplação do mundo. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.
- \_\_\_\_\_. A violência totalitária. Ensaio de antropologia política. Porto Alegre: Sulina, 2001.
- \_\_\_\_\_. No fundo das aparências. Petrópolis: Vozes, 1999.
- \_\_\_\_\_. O Conhecimento Comum. Compêndio da Sociologia Compreensiva. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- \_\_\_\_\_. O tempo das tribos, o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense, 1998.
- MCLUHAN, Marshall. Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem. 12. Ed. São Paulo: Cultrix, 2002.
- MORIN, Edgar. A cabeça bem-feita: Repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Sujeito e cotidiano: um estudo da dimensão psicológica do social. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1987.
- PRIMO, A. F. T. Interação Mútua e Interação Reativa: uma proposta de estudo. Intercom 1998 - XXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro, 1998.
- RECUERO, R. Weblogs, webrings e comunidades virtuais, 2003. Disponível em <http://www.pontomidia.com.br/raquel>. Acesso em 8 set. 2009.
- SCHNEIDER, S. FOOT, K. Web Sphere Analysis: An Approach to Studying Online Action. In: HINE, C. (Org.). Virtual Methods. Issues in Social Research on the Internet. Oxford: Berg, 2005.
- TEIXEIRA PRIMO, Alex Fernando & CUNHA RECUERO, Raquel da. Hipertexto cooperativo: uma análise da escrita coletiva a partir dos Blogs e da Wikipédia. Artigo (Revista FAMECOS n° 22). Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2003.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. Tratado Lógico-Filosófico. Investigações Filosóficas. São Paulo: Fundação Caloust Gulbenkian, 2002